

**CONTRIBUIÇÕES DO FILME "PATCH ADAMS: O AMOR É CONTAGIOSO" SOBRE  
O CUIDADO HOSPITALAR HUMANIZADO: REFLEXÕES PELA ÓTICA DA  
PSICOLOGIA HOSPITALAR**

ABEL PETER

GABRIEL AFONSO COSTACURTA

ANA PAULA RISSON

SIRLEI FAVERO CETOLIN

Resumo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O presente trabalho é requisito de avaliação do componente curricular de Psicologia Hospitalar, do curso de Psicologia, da Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de São Miguel do Oeste. Esta resenha crítica foi construída a partir do filme "Patch Adams: o amor é contagioso", lançado em 1998, com direção de Tom Shadyac. O objetivo desta resenha é refletir sobre o cuidado humanizado no contexto hospitalar, pela ótica da Psicologia. SINOPSE DO FILME: a história inicia com Patch Adams (Robin Williams) internado em uma clínica psiquiátrica após uma tentativa de suicídio. Nesta clínica, ele percebe que o tratamento com os pacientes é extremamente metódico e tradicional. Patch mostra-se empático quando ajuda seu companheiro de quarto a enfrentar seu medo de esquilos. A partir disso, Patch sente-se bem ajudando as pessoas e decide sair da clínica com a ideia de se tornar um médico. Após entrar no curso de Medicina, Patch fica incomodado com a forma de tratamento aos pacientes, uma vez que não há respeito, apreço ou

consideração por eles. Patch encontra um contexto em que os médicos possuem práticas insensíveis, e quem entra no curso acaba reproduzindo esses comportamentos. Dessa forma, ele entende que precisa humanizar o tratamento, auxiliando os pacientes no seu bem-estar, e não apenas a cura dos sintomas. Entretanto, isso confronta a forma do hospital tratar seus pacientes, e Patch enfrenta várias dificuldades. Durante o curso, Patch conhece Carin. Após algum tempo, eles criam uma clínica para proporcionar um atendimento mais humano, de forma pública, recebendo pacientes com diversos sintomas. Um desses pacientes, acaba assassinando Carin. Patch, muito abalado com toda situação ocorrida, acaba por se sentir culpado, cogitando a possibilidade de desistir de sua clínica assim como seu construto diferenciado em sua forma de tratamento a todos seus pacientes. Nesse processo, Patch precisa participar de um júri para poder continuar cursando medicina, uma vez que o reitor da universidade é totalmente contrário à suas atitudes. Com o apoio de outros amigos, Patch conclui o curso de medicina e continua com sua clínica e sua forma diferenciada de tratamento.

**ANÁLISE DE CENAS:** Para nortear as reflexões, serão utilizadas três cenas do filme: 1) quando Patch está internado por ter tentado suicídio, e o médico de forma não congruente, prestava atenção ao que era relatado; 2) quando uma paciente diabética está no hospital, sendo atendida por profissionais como objeto de estudo, e os estudantes se preocupam em questões relacionadas aos sintomas. Não concordando com o que estava acontecendo, Patch olha para a mulher e pergunta qual era seu nome; 3) a relação de Patch com os demais profissionais, a forma intrínseca e humanizada que ele acolhia e respeitava seus demais colegas. A primeira situação é que, após uma tentativa de suicídio, Patch Adams voluntariamente se interna em um Hospital Psiquiátrico. Ao entrar na sala do médico, Patch inicia uma conversa relatando o que estava passando, suas dificuldades, sofrimentos e tristezas. Não obstante, percebe que o médico, que deveria estar prestando atenção ao que era relatado, estava indiferente em relação a sua presença e muito menos atencioso ao que lhe era dito. Observa-se que esta práxis é muito comum à profissionais que lidam com pessoas, principalmente no que tange a uma escuta efetiva na área da saúde

mental. A alta carga horária, condições insalubres, especialmente em razão de lidarem com o cuidado e sofrimento do outro, assim como o alto número de atendimentos destes profissionais da área da saúde, é totalmente desgastante e estressor, o que por sua vez, pode culminar em um atendimento ineficaz aos pacientes que deles necessitam. Ainda, estes profissionais, assim como o médico psiquiátrico descrito na cena do filme, estão diretamente envolvidos com a saúde, bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos, seja do ponto de vista fisiológico ou psicológico. Nesse sentido, Lipp et al. (2002) definem o estresse como uma reação complexa composta por mudanças psicofisiológicas que ocorrem quando o indivíduo se vê diante de situações que ultrapassam sua capacidade de enfrentamento. O quadro de precarização entre os profissionais da saúde, por exemplo, é frequente e se observa quando os trabalhadores necessitam de uma variedade de empregos, de várias jornadas de trabalho, falta de condições adequadas, pressões, constrangimentos, forte dimensão relacional, entre outros aspectos (VIEIRA; SELIGMANN SILVA; ATHAYDE, 2004). Entende-se que, assim como os pacientes tem o direito de um atendimento humanizado e com uma escuta profissional, os que se fazem presente por trás dos "bastidores da cena", reportando-se aqui aos profissionais da saúde de forma geral, também tem o direito de ter uma política de carga horária, lazer, condições insalubres entre outros, de forma humanizada em analogia à instituição, para então poder refletir em um ótimo trabalho dentro da organização. A segunda cena chama a atenção para a forma com que Patch atua no atendimento a paciente, transparecendo uma atitude humanizada, um olhar diferenciado, atingindo um verdadeiro acolhimento para ela. Mesmo não verbalizando, subentende-se que o foco de Patch estava em entender que, por trás da "diabetes" havia uma mulher, uma história em que precisa ser "olhada". De acordo com Pessini (2004), a humanização requer um processo reflexivo acerca dos valores e princípios que norteiam a prática profissional, além de tratamento e cuidado digno, solidário e acolhedor ao seu principal objetivo, o doente ser fragilizado. Ao questioná-la seu nome, ele passou a vê-la como um todo, sem distinção de partes, comprovando a sua total sensibilidade. A cena mostra que são estas atitudes que

podem ser aplicadas tornando-se como um diferencial na forma de atendimento as pessoas. Assim, conforme LINTON (1992, p. 122), a humanização de ambientes hospitalares torna o paciente o centro das atenções. A terceira situação é a relação de Patch com os demais profissionais, a forma intrínseca e humanizada que ele acolhia e respeitava seus demais colegas. Os sentimentos e emoções que o ser humano carrega, o faz exprimir suas convicções e nem sempre as pessoas estão prontas para ouvirem e serem ouvidas” (BRONDANI, 2010, p. 30). Segundo Mendes (1995), os indivíduos reagem de forma diferente às dificuldades das situações de trabalho e chegam a este trabalho com a sua história de vida pessoal. Pode-se entender que cada pessoa tem uma reação totalmente diferente com relação aos mais diversos assuntos e maneiras de lidar com o trabalho, pois o ato de trabalhar é um dos fatores que tem maior relação com as condições de vida, de saúde e qualidade de vida do homem. Um relacionamento mais humanizado entre equipes e profissionais de trabalho, pode melhorar a qualidade de vida destes profissionais, refletindo também na humanização dos relacionamentos com os pacientes que deles necessitam dos atendimentos. No mundo organizacional existe a convivência com outros indivíduos, as condutas vão resultar em histórias de interações recorrentes nas quais as emoções se fazem presentes (SCHMIDT; GODOI, 2008). CONSIDERAÇÕES FINAIS: Dessa forma, se faz necessário atentar-se às demandas de humanização do processo de tratamento médico, tanto em relação ao paciente como em relação aos profissionais. Perceber o profissional enquanto humano, passível de erro, de sofrimentos e angústias, perceber o paciente enquanto sujeito, com sonhos e vivências, são fatores que podem transformar o processo de tratamento. O filme sinaliza a necessidade de mudança do cuidado em saúde que os profissionais da área da saúde devem desenvolver em seus diversos espaços de atuação, inclusive no hospital. Patch disse em uma cena do filme: deve-se melhorar a qualidade de vida, e não adiar a morte. Assim, o cuidado humanizado é imprescindível para o processo de cura ou tratamento, no entanto, há notável carência deste tipo de assistência aos pacientes.

## REFERÊNCIAS

LIPP, M.; TANGANELLI, M. Stress e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: diferenças entre homens e mulheres. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 15, n. 3, p. 537-548, 2002.

PESSINI L.; BERTACHINI, L. Humanização e cuidados paliativos. São Paulo: Loyola; 2004.

SCHMIDT, M; GODOI, C. O processo emocional num grupo de trabalho. 2008 Acesso: 14 de julho de 2017.

VIEIRA, S.B.; SELIGMANN-SILVA, E.; ATHAYDE, M. Dimensões ocultas no hospital: o “trabalho sentimental” e as violências presentes na relação de serviço. In: ARAÚJO, A. et al. (Org.). *Cenários do trabalho*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 131-150.

abel.petter@hotmail.com

gabi7@hotmail.com

ana.risson@unoesc.edu.br

sirlei.cetolin@gmail.com